

# A VIDA APÓS OS ESCOMBROS



Foto: Diala Ghassan/MSF

**A jornada feita pelos sírios feridos na guerra para  
reconstruir seus corpos e mentes na Jordânia**



**MEDECINS SANS FRONTIERES  
MÉDICOS SEM FRONTEIRAS**

**Relatório de dezembro de 2015**  
**Elaborado pelos projetos Jordânia/Oriente Médio**

 [www.msf.org.br](http://www.msf.org.br)  
 Médicos Sem Fronteiras  
MSF\_brasil

**Operação em andamento. Projeto Cirúrgico para Trauma e Emergência de MSF no Hospital Governamental de Ramtha, inaugurado em setembro de 2013. A instalação já tratou centenas de feridos de guerra vindos da Síria.**  
**Jordânia 2013 © Diala Ghassan / MSF**

---



Majed, recém-nascida com 27 dias, chegou ao projeto cirúrgico de MSF em Ramtha com um ferimento na cabeça decorrente da explosão de uma bomba de barril. Jordânia 2015 © MSF

## A VIDA APÓS OS ESCOMBROS

### A jornada feita pelos sírios feridos na guerra para reconstruir seus corpos e mentes na Jordânia

A guerra da Síria, agora em seu quinto ano, continua sem trégua, com altos níveis de violência infligidos por todas as partes envolvidas no conflito, e devastadoras consequências humanitárias para a população presa em meio ao fogo cruzado. Conforme o conflito aumentou de complexidade e intensidade, a situação humanitária se deteriorou: os serviços básicos não estão mais disponíveis em muitas partes do país e o sistema de saúde entrou em colapso. A crise na Síria é agora descrita como a pior crise humanitária mundial da história recente desde a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial.<sup>1</sup>

Por causa de sua localização, a Jordânia vem recebendo sírios solicitantes de asilo desde o início da crise.<sup>2</sup> Além disso, em 2012, as autoridades jordanianas criaram um sistema para evacuações médicas no posto de Tal Shihab, na fronteira, para permitir que os sírios feridos com mais gravidade pudessem ser encaminhados dos hospitais sírios para receber o tratamento capaz de salvar suas vidas na Jordânia.

Localizado a poucos quilômetros da fronteira com a província síria de Dara'a, o hospital governamental de Ramtha, na Jordânia, recebe em sua sala de emergência grandes números de sírios feridos de guerra, sofrendo com múltiplos traumas e em condição crítica. Desde setembro de 2013, Médicos Sem Fronteiras (MSF) apoia o hospital de Ramtha, em colaboração com o Ministério da Saúde, oferecendo tratamento

<sup>1</sup> Secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, na Terceira Conferência de Compromisso Humanitário Perante a Síria, realizada no Kuwait, em 31 de março de 2015: <http://www.unmultimedia.org/radio/english/2015/03/syrian-people-are-victims-of-worst-humanitarian-crisis-of-our-time/#.VdBYCm1oUUM>

<sup>2</sup> De acordo com o ACNUR, havia mais de 630 mil refugiados sírios na Jordânia no fim de outubro de 2015: <http://data.unhcr.org/syrianrefugees/countryphp?id=107>

médico emergencial para os sírios feridos de guerra, cujos casos são geralmente complexos, e demandam atendimento especializado.

Entre setembro de 2013 e outubro de 2015, mais de 1.963 feridos foram levados à sala de emergência do hospital de Ramtha, e mais de 2.880 intervenções cirúrgicas foram realizadas em pacientes admitidos no programa de MSF. A maioria dos casos corresponderam a múltiplos traumas decorrentes de explosões.

O programa de MSF na Jordânia é único, pois inclui cirurgia ortopédica, abdominal, vascular, peitoral e de trauma, gestão de queimaduras, atendimento geral para pacientes internados e fisioterapia, bem como apoio psicossocial em cada estágio de tratamento. Totalmente financiado por MSF, o tratamento é oferecido gratuitamente.

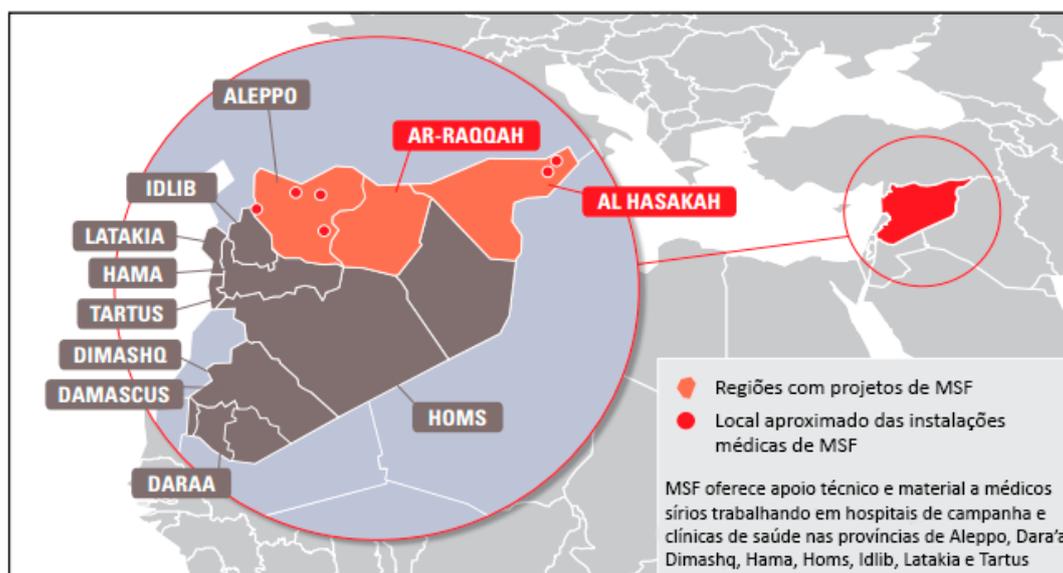
Em março de 2014, MSF abriu uma instalação para reabilitação pós-operatória e tratamento de ferimentos no campo de Zaatari para oferecer acompanhamento para os pacientes de MSF vindos do hospital de Ramtha, bem como para outros pacientes sírios feridos de guerra e tratados em outros hospitais da Jordânia. Com o hospital de Ramtha dedicando-se principalmente a emergências, a instalação de Zaatari oferece um ambiente mais propício ao atendimento médico de longo prazo, incluindo fisioterapia, apoio psicossocial e acesso a próteses, entre outros serviços.

Começando com uma equipe de 80 profissionais e contando com 33 leitos disponíveis, o projeto de MSF em Ramtha cresceu. Agora são mais de 140 profissionais jordanianos e 12 internacionais, além de 40 leitos disponíveis. No campo de Zaatari, 59 profissionais nacionais e quatro internacionais trabalham na instalação pós-operatória de MSF, com 40 leitos.

### Por que MSF desenvolve esse programa na Jordânia, e não na Síria?

MSF oferece apoio técnico e suprimentos médicos aos médicos sírios que administram hospitais de campanha e clínicas nas províncias de Aleppo, Dara'a, na zona rural de Damasco, Hama, Homs, Idlib, Latakia e Tartus.

Embora MSF acredite que deveria estar operando projetos de grande porte na Síria, a escala da violência e a natureza de rápida movimentação do conflito limitam o trabalho que a organização pode atualmente realizar dentro da Síria. A assistência direta em maior intensidade só será viável quando as muitas partes em conflito na Síria demonstrarem a disposição política para permitir e respeitar a ação humanitária independente. Até o momento, essa disposição não foi evidenciada, resultando em níveis de sofrimento intoleráveis para a população síria, que tem acesso mínimo à assistência médica e humanitária. A Jordânia oferece um ambiente seguro e de alta qualidade para a prestação de cuidados médicos aos sírios feridos de guerra, serviço que não está disponível nas áreas devastadas pela guerra no sul da Síria.



# Tratando vítimas sírias da violência

Os sírios feridos de guerra são as vítimas diretas da violência que ocorre na Síria e das numerosas violações do Direito Internacional Humanitário (DIH) que caracterizam os combates contínuos. Cerca de 75% dos pacientes tratados por MSF na sala de emergência do hospital de Ramtha sofreram ferimentos devastadores provocados por armamento explosivo de alta potência em uso na Síria.

## Padrões de violência na Síria

De acordo com um relatório elaborado pela agência de ajuda Handicap International, 75% dos incidentes registrados envolvendo armas explosivas ocorreram em áreas densamente povoadas, incluindo grandes cidades como Dara'a, a partir de onde os feridos de guerra são transferidos para os projetos de MSF em Al-Ramtha. Isso indica que as partes em conflito não têm a intenção de efetivamente fazer distinção entre infraestrutura civil, a população que a habita e alvos militares. Na Síria, mais de 5 milhões de pessoas (entre elas mais de 2 milhões de crianças) vivem atualmente em áreas muito afetadas por armas explosivas.<sup>3</sup> Além das mortes e ferimentos imediatos, armas explosivas também podem representar uma ameaça de longo prazo quando não são detonadas no momento do impacto. MSF já tratou duas crianças sírias no hospital de Al-Ramtha que foram trazidas depois de sofrerem graves ferimentos causados pela explosão de munição não detonada na província de Dara'a.

Entre outros armamentos explosivos, as chamadas “bombas de barril” representam uma grande ameaça para a população civil: repletas de estilhaços de metal e lançadas por helicópteros, esses artefatos de alto poder explosivo matam e mutilam indiscriminadamente, pois as bombas não são capazes de atingir com precisão instalações militares. Por causa de sua fragmentação e dos efeitos da explosão, elas provocam ferimentos complexos e profundos que exigem acesso imediato a cirurgia de trauma para salvar vidas e membros, e atendimento pós-operatório de longo prazo para limitar as complicações médicas e as deficiências permanentes. Sessenta e três pacientes tratados recentemente por MSF na Jordânia informaram terem sido vítimas de “bombas de barril”, incluindo 19 crianças. Outros informaram terem sido feridos por armas proibidas como minas terrestres e munição do tipo “cluster”, espalhadas pelos campos.



\* inclui minas, munição não detonada e mais.

<sup>3</sup> Handicap International: “The use of explosive weapons in Syria - A time bomb in the making: Analysis of weapons contamination in Syria”, estudo de caso, maio de 2015

## Capacidade médica no sul da Síria



Fisioterapeuta de MSF ajuda Fawzi a se levantar durante sessão de fisioterapia no projeto de MSF em Ramtha. Jordânia © Robert Abboud/MSF

Apesar do estoico compromisso dos profissionais de saúde que permanecem na província de Dara'a, e apesar do apoio externo proporcionado por meio de mais assistência vinda do outro lado da fronteira, as instalações médicas existentes no sul da Síria não podem atender plenamente às necessidades daqueles feridos de guerra, principalmente os casos de ferimentos complexos. A maioria dos pacientes tratados por MSF em Ramtha relata ter sido levada para vários hospitais de campanha sírios. Alguns receberam primeiros socorros e tratamento cirúrgico. Quarenta por cento dos pacientes recebidos na sala de emergência de Ramtha já tinham recebido tratamento na Síria, variando de operações abdominais a procedimentos ortopédicos, mas, para sobreviver aos ferimentos e se recuperar, sua única opção era a evacuação para a Jordânia, do outro lado da fronteira.

No sul da Síria, não há ambulâncias em número suficiente para transportar os sobreviventes feridos em incidentes violentos, como explosões. A maioria dos feridos são transportados em carros comuns ou caminhonetes. Até julho de 2015, uma equipe de paramédicos treinados comandava as evacuações médicas, mas, em decorrência de restrições financeiras, a equipe teve de interromper as atividades. No momento da redação do presente texto, os feridos de guerra são resgatados dos escombros pela Defesa Civil da Síria, grupo de voluntários que trabalha com capacidade limitada (são atualmente 370 voluntários na província de Dara'a). Em sua maioria, são cidadãos sem formação médica que atuam como voluntários, ajudando como podem. Embora alguns tenham participado de um curso de treinamento em trauma de 10 dias, muitos nunca receberam nenhum tipo de treinamento médico, e não podem fazer muito. Apesar disso, os membros da Defesa Civil da Síria conseguem encaminhar os feridos aos hospitais de campanha.

Muitas instalações de saúde carecem de equipamento, suprimentos e expertise, e principalmente de lugares seguros onde os pacientes possam ser estabilizados com o atendimento do qual necessitam. De acordo com

um levantamento realizado em agosto de 2015 por UOSSM<sup>4</sup> e PAC<sup>5</sup>, há atualmente apenas 16 leitos de unidades de tratamento intensivo cirúrgico distribuídos por cinco departamentos de UTI na província de Dara'a. Há apenas 8 respiradores em funcionamento para adultos e 2 respiradores pediátricos em toda a província. Para lesões na cabeça e na coluna, o uso de exames de tomografia computadorizada, indisponíveis no sul da Síria,<sup>6</sup> é frequentemente necessário para confirmar diagnósticos e determinar o melhor encaminhamento para o paciente. Em termos de recursos humanos, há atualmente 22 cirurgiões gerais, 15 cirurgiões ortopédicos e dois cirurgiões vasculares na província de Dara'a, a maioria deles dividindo seu tempo entre pelo menos dois hospitais. No momento, não há neurocirurgiões na província.<sup>7</sup>

Além da falta de equipamento e suprimentos, o pessoal de saúde em Dara'a tem de lidar com incidentes de segurança, que vão desde roubos até o bombardeio das instalações médicas. Num contexto em que as garantias básicas do Direito Internacional Humanitário<sup>8</sup> são completamente ignoradas, não há espaço médico reconhecido na Síria devastada pela guerra, e profissionais de saúde e instalações médicas não são poupados da violência. No dia 15 de junho de 2015, dez bombas de barril destruíram um hospital apoiado por MSF em Busra Al Sham, na província de Dara'a.<sup>9</sup>

No dia 3 de novembro de 2015, o hospital de campanha Al Balad, em Dara'a, teve de suspender todas as operações não emergenciais após uma série de roubos de equipamento médico. De acordo com o diretor do hospital, a perda dos itens afetaria a capacidade do hospital de oferecer atendimento de emergência e odontológico, manter clínicas e gerar eletricidade.<sup>10</sup>

*Noor,<sup>11</sup> 25 anos, foi ferida em julho de 2015 quando sua casa em Al Gharaya, em Dara'a, foi bombardeada: "Era véspera do Eid. Estava ansiosa, mas me sentia feliz por ter o marido e os filhos comigo. As crianças dormiam enquanto eu e meu marido conversávamos com parentes em casa. De repente, ouvimos o barulho de um avião e, logo em seguida, uma bomba atingiu nossa casa. A última coisa que lembro a respeito do meu marido é de vê-lo no chão, deitado, como se estivesse dormindo. Eu podia ouvir meus filhos gritando por mim, 'mãe, mãe', mas não podia ir até eles. As pessoas vieram ajudar e me puseram num carro. Eu perguntava sobre meu marido e sobre meus filhos, e me disseram eles estavam bem. Primeiramente, fui levada ao hospital de campanha de Al Gharaya, onde colocaram curativos em meus ferimentos, e depois fui enviada ao hospital de campanha de Maaraba, e então ao hospital de campanha de Taiba. Não conseguia ver nada; ouvia gritos e carros me levando de um lugar ao outro. Finalmente, cheguei ao hospital de Ramtha. Antes de ser operada, disse aos médicos: 'Estou grávida, por favor, cuidem de nós'. Dias depois, soube que meu marido e meu menino mais novo tinham morrido, e minha filha estava em outro hospital, em Amã. Sinto-me confortável no hospital de Ramtha, mas perdi minha família. Não posso acreditar que meu marido e meu menino se foram. Queria poder voltar à Síria e encontrá-los bem diante de mim".*

<sup>4</sup> The Union of Medical Care and Relief Organizations

<sup>5</sup> Physician Across Continent

<sup>6</sup> UOSSM/PAC: "Survey of hospitals operating in Syrian-opposition controlled area", segundo relatório, outubro de 2015.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> Proibição de ataques contra instalações médicas: Convenções de Genebra IV Art. 18; Protocolo adicional I Art. 12; Protocolo adicional II Art. 11. Proteção a profissionais de saúde: Convenção de Genebra IV Art. 20; Protocolos adicional I Arts. 15 – 16; Protocolo adicional II Arts. 9 - 10

<sup>9</sup> Comunicado de MSF à imprensa: "Syria: Barrage of barrel bombs destroys MSF health facility, 18 June 2015": <http://www.msf.org/article/syria-barrage-barrel-bombs-destroys-msf-health-facility>

<sup>10</sup> Syria Direct "Hospital thefts symptomatic of lawlessness in rebel-held south Daraa", 4 de novembro de 2015: <http://syriadirect.org/news/hospital-thefts-symptomatic-of-lawlessness-inrebel-held-south-daraa/>

<sup>11</sup> O nome foi alterado.

Zyad,<sup>12</sup> 19 anos, foi ferido em junho de 2015 quando uma bomba de barril atingiu a fazenda onde ele trabalhava meio período. Anteriormente, tinha estudado enfermagem na Universidade de Teshreen, em Latakia. Pouco após o início da guerra, ele voltou para a família em Dara'a, mas encontrou uma oportunidade para prosseguir nos estudos.



“Sonho com uma vida normal, casar e viver em paz no país onde nasci”, diz Yunes, sírio ferido na guerra, que ocupa um dos 40 leitos no projeto de MSF em Ramtha. Jordânia 2015 © Isidro Serrano Selva

“Em Dara'a, pude encontrar outra escola de enfermagem informal e buscar treinamento clínico no hospital de campanha de Saida. Por ter que sustentar a família, trabalhava também numa fazenda quando não estava no hospital. A fazenda ficava a 2 quilômetros do hospital. Naquele dia eu estava na fazenda, trabalhando com um amigo. Uma bomba de barril atingiu a fazenda. Eram dez da manhã. Vi meu braço no chão ao meu lado, preso ao meu corpo por pedaços de carne. Algumas pessoas vieram me ajudar. Disse que era enfermeiro, que era capaz de andar e ajudar. Eu e meu amigo fomos transferidos para o hospital de Saida, onde encontrei meus colegas e amigos ajudando as pessoas como sempre - a diferença era que, daquela vez, eu era um paciente. Tentaram me ajudar, mas não foi possível. Tive de ser transferido para o hospital de campanha de Al Gharaya, mas estava lotado. Meu amigo e eu acabamos transferidos para o hospital de campanha de Nasib. Sabia que dois nervos do meu braço tinham se rompido. O médico me disse que, na Síria, só seria possível cuidar das fraturas: não se podia fazer muito quanto aos nervos. Foi por isso que decidiram me mandar para a Jordânia. Disseram aos meus parentes que me encontrassem na fronteira com meus documentos de identidade. Chegamos à fronteira à meia-noite. Eu me preocupava muito com o estado do meu amigo, ferido na cabeça, mas somente eu seria evacuado para fora do país. Não sabia o que tinha acontecido com ele. Dias depois de ser internado no hospital de Ramtha, soube que o hospital de campanha de Saida tinha sido bombardeado, provocando 22 mortes. Gostaria de poder entrar em contato com meus colegas e amigos. Espero que estejam todos bem e em segurança.”

---

<sup>12</sup> O nome foi alterado.



Malik, jovem paciente ferido de guerra, conversa com profissionais de saúde de MSF durante visita de rotina às alas do projeto de MSF em Ramtha. Jordânia 2013 © Ton Koene

## Natureza profunda dos ferimentos

O Dr. David Elliott é cirurgião e trabalhou em vários projetos de MSF nos últimos três anos, incluindo seis meses no projeto de MSF em Ramtha. Ele diz: *“Não vejo as bombas, mas vejo suas consequências diretas. Já estive em diferentes zonas de guerra, incluindo Somália e Sudão do Sul. Os ferimentos de guerra são frequentemente horríveis e muitas vezes letais, mas pouco se chega perto do nível de destruição dos corpos humanos que vi aqui. Imagine o que armas de alto potencial explosivo podem fazer aos corpos humanos”*.

A maioria dos pacientes chega à sala de emergência do hospital de Ramtha com fraquíssimos sinais vitais. Quanto mais rápida for a sua chegada, maior a probabilidade de se salvar vidas e membros. A principal prioridade da equipe médica é controlar a pressão sanguínea e deter a origem do sangramento, o que normalmente demanda cirurgia de grande porte no centro cirúrgico. *“Com frequência os pacientes apresentam cascalho, pregos, fios, projéteis de todo tipo presos ao corpo pela explosão, provocando grande hemorragia”*, diz o Dr. Elliott. O próximo passo é limpar os tecidos e ossos. É fundamental que haja sangue suficiente disponível para transfusões. *“É muito diferente da imagem romântica dos feridos de guerra do cinema: um jovem com alguns curativos e uma bala no peito”*, diz o Dr. Elliott.

*“Na realidade, partes inteiras do corpo explodem. Tratei bebês com cérebros cheios de estilhaços, crianças que pularam sobre minas terrestres, e mães e jovens mulheres que perderam braços, pernas, até 10 quilos de massa corporal.”* O Dr. Samer Attar é cirurgião ortopédico e trabalhou duas vezes com MSF no projeto de Ramtha. Ele tem memórias vívidas das muitas situações em que cirurgiões de MSF realizaram cirurgias para salvar vidas e membros no hospital de Ramtha. *“Todos os dias limpamos ferimentos, corrigimos fraturas e realizamos ou retocamos amputações. Certa noite, já tarde, um homem mais velho foi evacuado para a fronteira. Quando finalmente chegou até nós, estava em choque agudo. Tinha perdido muito sangue por uma ferida aberta na parte frontal de sua coxa esquerda. O ferimento era do tamanho de uma bola de futebol.*

*Havia uma fratura exposta no fêmur, os ossos estavam em pedaços, e a veia femoral tinha sido obliterada pela explosão. Tinha perdido tanto sangue que os vasos periféricos tinham colapsado. Médicos sírios em campo tinham feito um torniquete para diminuir a perda de sangue. Nosso anestesista garantiu a circulação das vias respiratórias e instalou um cateter venoso central para transfusão de sangue imediata, reanimando-o e salvando sua vida. Depois de estabilizado, ele foi levado às pressas para o centro cirúrgico. Ao fazer pressão no ferimento, o torniquete se soltou. Nosso colega cirurgião geral pôde então fechar a veia femoral para deter permanentemente o sangramento. Então usei um fixador externo para estabilizar o fêmur quebrado e desbridamos o ferimento. Ele foi, então, transferido em condição estável a um leito da unidade de tratamento intensivo para monitoramento.*

*"Em outra manhã, vi uma mãe trazer o filho à sala de emergência. Estava descalça, coberta de poeira cinzenta. O filho tinha um grande ferimento aberto no braço esquerdo, sem pulsação na extremidade superior esquerda. No centro cirúrgico, exploramos seu ferimento. A artéria braquial fora destruída pela explosão e o nervo mediano estava lacerado. O cirurgião-geral de plantão reconstruiu a artéria braquial usando parte da veia de sua perna direita. Essencialmente, ele criou uma nova artéria para aquela criança. Então, reparei os nervos tão bem quanto pude. O filho dela sobreviveu, e salvamos o braço. Depois, a mãe nos disse que estava com os dois filhos quando uma bomba os atingiu. Sua lembrança seguinte é de estar com um filho nos braços, sentindo o intestino dele em suas mãos, saindo por um ferimento aberto na barriga. O garoto não se mexia e ela sabia que ele não tinha sobrevivido ao ataque. Teve de deixá-lo para carregar e salvar o outro filho, que sangrava pelo braço - o filho que ela trouxe a Ramtha, que foi salvo.*

*"Estamos fazendo alguma diferença - ao menos para os poucos que conseguem chegar até nós. É uma diferença pequena diante da dimensão dessa guerra horrível, mas não deixa de ser uma diferença."*

Para a equipe médica, é difícil pensar naqueles que, por diferentes motivos, não conseguiram chegar à fronteira. A equipe atende alguns dos sírios com ferimentos mais graves - aqueles que sobreviveram à evacuação até a fronteira e tiveram o acesso aceitos pelas autoridades jordanianas - mas, para cada paciente atendido, há centenas de outros precisando de tratamento na Síria.

"Como todos os demais em Ramtha, ouço o barulho dos combates, bombardeiros e artilharia e, a cada vez, penso em quantos feridos chegarão à sala de emergência do hospital de Ramtha", diz o Dr. Elliott.



Interior da instalação de MSF no campo de Zaatari, onde os pacientes recebem sessões de fisioterapia, entre outros serviços médicos. Jordânia 2015 © Isidro Serrano Selva

## Da cirurgia aguda à reabilitação: a longa jornada rumo à recuperação dos sírios feridos na guerra

Depois de oferecer atendimento de emergência aos sírios feridos na guerra recebendo-os na sala de emergência do hospital de Ramtha, MSF admite mais de 30% deles em seu programa cirúrgico, com base nos critérios de admissão de MSF definidos a partir da capacidade de tratamento que pode ser oferecida. Cerca de 70% dos pacientes são encaminhados a outras instalações de saúde na Jordânia para tratamento agudo, seja em hospitais do Ministério da Saúde ou hospitais mantidos pela comunidade internacional.

Com o tempo, as opções de encaminhamento para a gestão de cirurgias agudas passaram por mudanças significativas. Atualmente, graças aos esforços conjuntos por parte de diferentes atores, incluindo a Jordan Health Aid Society (JHAS), o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) e a Qatari Red Crescent Society (QRCS), as necessidades urgentes da maioria dos pacientes com ferimentos na cabeça, olhos, maxilar/rosto são atendidas. Entretanto, a capacidade de atendimento em unidades de terapia intensiva disponível para os sírios feridos na guerra ainda é limitada, algo que continua a afetar negativamente as chances de sobrevivência dos casos mais complexos. Esse problema é sentido principalmente na ocasião da chegada de um grande influxo de sírios feridos, como ocorreu no verão de 2015.

Após a fase de cirurgia aguda, o risco de infecções e complicações médicas continua alto para os pacientes. Muitos dos sírios feridos na guerra ficam com deficiências permanentes, ao mesmo tempo em que lutam para lidar com suas vivências. Como diz Wejdan Nabeel Shaban, um dos conselheiros em saúde mental de MSF: *“Muitos pacientes sofrem com as graves repercussões que anos vivendo numa zona de guerra trazem para a saúde mental, e com as dificuldades de lidar com ferimentos que vão mudar suas vidas para sempre”*. Por isso, é vital que os sírios feridos na guerra recebam orientação e um forte trabalho de reabilitação e cuidados pós-operatórios. O propósito essencial da instalação de MSF em Zaatari, que recebe feridos de guerra vindos de Ramtha e outros hospitais da Jordânia, é prestar apoio aos pacientes para que se recuperem dos ferimentos e comecem vida nova. Aconselhamento e fisioterapia também são componentes importantes do projeto de MSF no hospital de Ramtha.

**“Para os sortudos que conseguem cruzar a fronteira com vida e recebem atendimento médico especializado, o caminho para a recuperação é muito longo. ‘A média de intervenções cirúrgicas de grande porte para cada paciente de MSF em Ramtha é três. Houve um paciente submetido a mais de 45 operações. Mas, no caso dos ferimentos mais devastadores, é típico realizar dez intervenções de grande porte, e a cicatrização dos ferimentos pode levar meses. É por isso que nossa instalação pós-operatória no campo de refugiados de Zaatari é tão importante”, diz o Dr. Elliot.**

Em média, 90% dos pacientes admitidos no projeto de Ramtha precisam de fisioterapia. *“A fisioterapia é indicada principalmente após grandes intervenções cirúrgicas”, diz Birgit Schönharting, fisioterapeuta alemã que passou dois meses na Jordânia. “É muito recompensador conhecer os pacientes no estágio mais delicado do tratamento, lutando pela sobrevivência, e dar-lhes apoio nos passos seguintes, ajudando-os a restaurar algo mais próximo de uma vida normal.”*



O acesso dos sírios feridos a cuidados pós-operatórios tem representado um grande desafio. Eles precisam ser registrados junto às autoridades jordanianas (como ocorre com todos os que chegam como refugiados) para receberem permissão de ficar na Jordânia para concluir seu tratamento médico. Embora alguns pacientes feridos na guerra possam receber alta após a conclusão de seu tratamento médico no hospital de Ramtha, ou concluir o tratamento na Síria, as condições médicas de outros exigem tratamento contínuo num ambiente pós-operatório adequado. Em meados de novembro de 2015, havia 433 pacientes em tratamento no hospital de Ramtha. Desses, 26% foram transferidos com sucesso à instalação de MSF em Zaatari depois de serem registrados como refugiados.

Em outubro de 2015, oito pacientes em instalações de MSF na Jordânia precisavam de fisioterapia para preparar seus corpos para receber próteses após passarem por amputações na Jordânia ou na Síria. Como explica Ahmed Al Salman, fisioterapeuta da instalação de MSF em Zaatari: *“Reabilitação e fisioterapia desempenham um papel instrumental para os pacientes que se recuperam de cirurgias de trauma, ajudando a lidar com a dor e recuperar a independência funcional quando possível. Ganhar uma prótese não se resume à obtenção da ferramenta por si só: é necessário tempo e preparo para a recuperação dos ossos, para que as feridas se fechem da maneira desejada, e preparativos para fortalecer os músculos e moldar a terminação, por meio de diferentes exercícios e cuidados”*.

Entretanto, Ahmed acrescenta: *“Para os pacientes afetados por lesões na coluna, e com quadros de paraplegia ou tetraplegia, o tratamento necessário está além de nossas capacidades”*. Na Jordânia, MSF não tem a capacidade necessária para atender às necessidades de longo prazo e permanentes específicas dos feridos de guerra com lesões na coluna. Infelizmente, várias instalações que ofereciam esse tipo de atendimento na Jordânia foram fechadas no último ano, pois não obtiveram licenças de funcionamento para operar dentro da lei. Como resultado, as instalações existentes estão sobrecarregadas. Há uma necessidade urgente de abrir mais instalações com plena responsabilidades jurídica e legal para oferecer cuidados de longo prazo e paliativos.

Por diferentes razões, crianças feridas podem acabar sendo evacuadas por questões médicas para a Jordânia sem a companhia dos pais. Talvez estes tenham tido que ficar na Síria para cuidar de outros filhos; ou podem ter sido feridos ou mortos no incidente que resultou na evacuação da criança para a Jordânia. Nas instalações de Zaatari e Ramtha, 29% das crianças em tratamento médico estão desacompanhadas. *“Lembro de uma mãe que chegou com o filho ferido, mas, em algum momento, por ter deixado o restante dos filhos na Síria, ela teve de voltar e deixar o menino sozinho. Prometemos cuidar dele, mas não deixei de me comover com as lágrimas de sua despedida”*, disse Wejdan Nabeel Shaban, conselheiro de saúde mental de MSF.

O tratamento pelo qual essas crianças precisam passar costuma ser longo e árduo, e enfrentá-lo sozinhas torna ainda mais difícil seu sofrimento físico e emocional. Muitas também são assombradas pelo fato de suas famílias estarem mortas ou expostas à violência contínua na Síria.



Omar Al Balkhi, 29 anos, foi ferido em meio à explosão de uma bomba em Dara'a, na Síria, e recebeu tratamento num hospital de campanha sírio. Foi posteriormente transferido ao projeto de MSF em Ramtha para ser submetido a múltiplas cirurgias. Jordânia 2015 © Ali Saadi/MSF

## Um programa regional de cirurgia reconstrutiva em Amã administrado por MSF

Em 2006, MSF abriu um hospital em Amã para tratar vítimas da guerra no Iraque, muitas delas crianças, que precisavam de cirurgia reconstrutiva ortopédica, maxilofacial e plástica, que demandavam um alto nível de expertise, indisponível em seus locais de origem. Posteriormente, MSF também começou a organizar evacuações de pacientes a partir do Iêmen e da Palestina. Com a guerra em andamento na Síria, e o alto nível de violência indiscriminada enfrentado pelos civis no país, MSF ampliou a abrangência de seu projeto em Amã para começar a admitir refugiados sírios que sobreviveram a ferimentos devastadores. Em 2014, MSF tratou cerca de 530 pacientes na instalação de Amã, dos quais os sírios compunham 45% do total. Em 2015, os sírios já eram cerca de 60% do total de pacientes recebidos. Esses dados incluem 16 sírios encaminhados a Amã depois de serem tratados no hospital de Ramtha e na instalação de Zaatari. Muitos dos pacientes têm de realizar várias rodadas de cirurgias, passando meses em Amã.<sup>13</sup>

Bilal,<sup>14</sup> 9 anos, é paciente da instalação de MSF em Zaatari. Sua família fugiu de casa em Sheikh Miskine, e estava hospedada numa casa em Nawa, quando esta foi atingida por uma bomba de barril em junho de 2015.<sup>15</sup> Bilal, a mãe e o primo foram levados à Jordânia, enquanto o restante da família recebeu tratamento em hospitais de campo sírios: *“Não temos parentes na Jordânia”*, diz a mãe de Bilal. *“Sentia muita dor e me preocupava com Bilal e o primo, e não podia cuidar deles. Recebi tratamento em Ramtha, enquanto os dois estavam em outro hospital em Amã, sem ninguém que conhecessem. Agora estamos juntos no hospital de MSF em Zaatari para completar o tratamento médico. Bilal precisa de acompanhamento de longo prazo. Meus dois outros filhos estão com meu marido na Síria. Tentarão pedir asilo na Jordânia por Ruwayshid. Somos pessoas simples; nunca fomos além dos vilarejos e cidades da região de Sheikh Miskine. O caminho até Ruwayshid é longo e perigoso. Antes, eu esperava poder voltar à Síria e lidar com a situação da melhor maneira que pudéssemos, mas não penso mais assim. No momento, não consigo falar com meu marido ao telefone, não há cobertura. Não sei se já estão a caminho de Ruwayshid. Não consigo lhe dizer como me sinto. Me esforcei muito para congelar meus sentimentos.”*



**Malik, 15 anos, acaba de experimentar a nova prótese. Seis meses atrás, ele foi atingido por uma granada quando voltava da escola para casa. Jordânia 2015 © Åsa Nyquist Brandt/MSF**

<sup>13</sup> Para mais informações a respeito do hospital de MSF em Amã, visite: <http://www.msf.org/jordan>

<sup>14</sup> O nome foi alterado.

<sup>15</sup> De acordo com o relato do paciente.

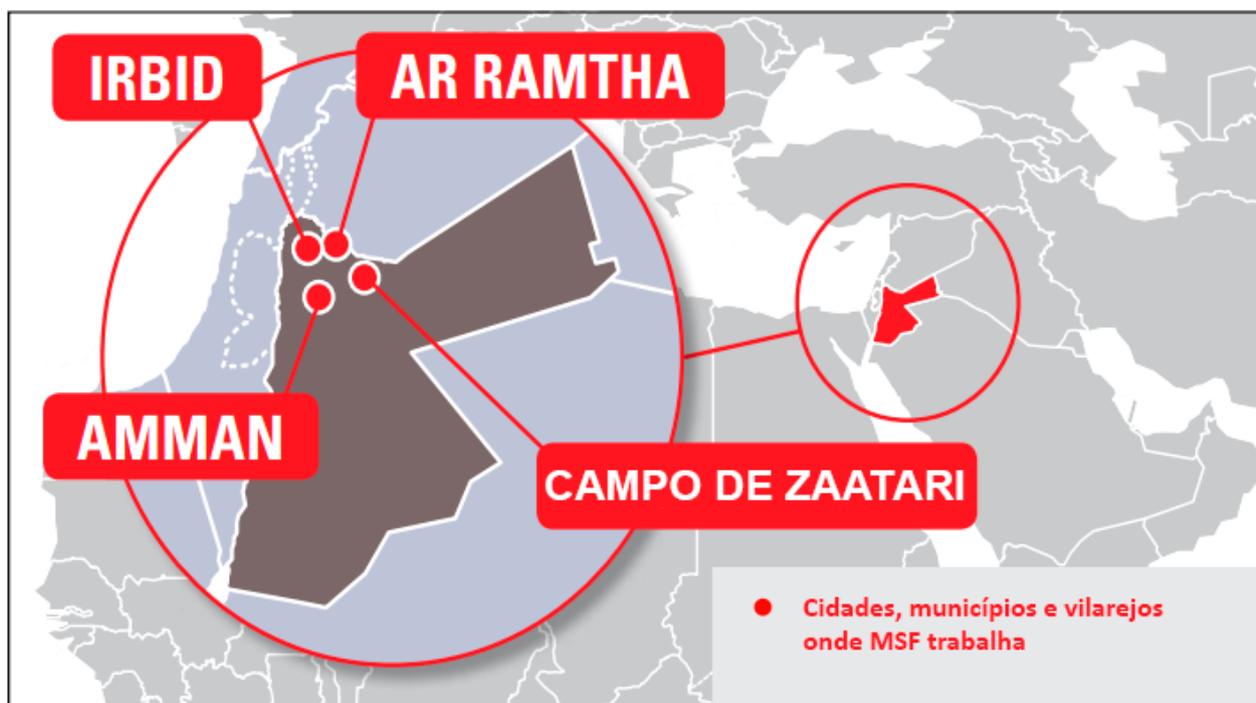
# Mais de dois anos salvando vidas e membros de sírios feridos na guerra na Jordânia

A experiência de MSF no tratamento de sírios feridos na guerra na Jordânia nos últimos dois anos nos convenceu que podemos e devemos fazer mais para restaurar a saúde e a dignidade daqueles que estão entre as vítimas mais vulneráveis da violência na Síria.

Os sírios feridos na guerra na Jordânia precisam de atenção específica por parte da comunidade doadora, do governo da Jordânia e de todos os envolvidos na resposta humanitária à crise síria na Jordânia. As prioridades mais urgentes são:

- Garantir a continuidade do apoio da comunidade internacional para uma resposta médica e humanitária consistente aos sírios feridos na guerra recebidos na Jordânia, bem como o compromisso do governo da Jordânia de continuar permitindo a entrada de sírios feridos na guerra em condição crítica no país.
- Ampliar a oferta de atendimento paliativo e aos convalescentes de longo prazo para os pacientes feridos na guerra, prosseguindo na investigação das lacunas em termos de atendimento prostético e de reabilitação para reforçar a capacidade.
- Facilitar a reunião de famílias para crianças feridas na guerra que se encontram afastadas ou desacompanhadas dos parentes, aproximando-as de seus pais ou guardiões legais na Síria ou Jordânia.

# MÉDICOS SEM FRONTEIRAS NA JORDÂNIA



**25 milhões de euros em 2015**



**Equipe de 567 pessoas**



**6 projetos**

Desde o início do conflito na Síria, mais de quatro milhões de sírios buscaram refúgio em países vizinhos, incluindo a Jordânia. Médecins Sans Frontières (MSF) está presente na Jordânia desde agosto de 2006 com o programa de cirurgia reconstrutiva localizado em Amã. Desde 2013, MSF trabalha para auxiliar refugiados e pacientes com o programa de Cirurgia Emergencial de Trauma de Al-Ramtha, bem como um hospital para Mães e Filhos, e duas clínicas de doenças não transmissíveis em Irbid para auxiliar refugiados sírios nas comunidades que os recebem, bem como jordanianos em situação de vulnerabilidade.